



O ENFEITIÇAMENTO DA LINGUAGEM: ALIENAÇÃO DO TRABALHO DE KARL MARX À LUZ DOS JOGOS DE LINGUAGEM DE WITTGENSTEIN

THE ENCHANTMENT OF LANGUAGE: KARL MARX'S CONCEPT OF ALIENATION IN THE LIGHT OF WITTGENSTEIN'S LANGUAGE GAMES

Francisco de Assis Silva dos Santos

Mestrando em Filosofia pelo PPGFIL/UFC.

franciscosilvacontatoprof@gmail.com

Vitor Lucas Araújo Cavalcante Martins

Mestrando em Filosofia pelo PPGFIL/UFC.

vitorlucas1917@hotmail.com

Este estudo propõe uma aproximação teórica entre o conceito de jogos de linguagem desenvolvido por Ludwig Wittgenstein e a alienação do trabalho em Karl Marx, partindo da premissa de que a linguagem é um fenômeno historicamente construído e socialmente determinado. O objetivo central é evidenciar como a linguagem, enquanto mediadora da realidade, também está sujeita a processos de fetichização e reificação, à semelhança do trabalho alienado descrito por Marx. A análise considera que, ao perder o controle sobre o produto de seu trabalho, o sujeito também é distanciado de sua atividade vital, fenômeno que se estende à linguagem quando esta passa a operar como instrumento de naturalização das relações sociais de dominação. Wittgenstein, ao elaborar a noção de jogos de linguagem, destaca o caráter contextual e pragmático do significado das palavras, o que reforça a ideia de que a linguagem não possui um núcleo essencial, mas varia conforme seu uso social. Nesse sentido, termos como “colaborador” ilustram como a linguagem pode ser mobilizada ideologicamente para obscurecer relações de poder. O texto também incorpora a reflexão de Puntel sobre a linguagem como estrutura teórica e meio de acesso à realidade. Conclui-se que o diálogo entre Wittgenstein e Marx, embora complexo, revela-se produtivo para compreender a dimensão política da linguagem e sua função na reprodução ou contestação das estruturas sociais, especialmente no contexto do trabalho sob o capitalismo contemporâneo.

Palavras-Chave: Fetichismo. Alienação. Linguagem. Marx. Wittgenstein.

This study proposes a theoretical approximation between the concept of language games developed by Ludwig Wittgenstein and the alienation of labor in Karl Marx, based on the premise that language is a historically constructed and socially determined phenomenon. The central objective is to highlight how language, as a mediator of reality, is also subject to processes of fetishization and reification, similar to the alienated labor described by Marx. The analysis considers that, by losing control over the product of their labor, individuals are also distanced from their vital activity, a phenomenon that extends to language when it begins to operate as an instrument for naturalizing social relations of domination. Wittgenstein, in developing the notion of language games, highlights the contextual and pragmatic nature of the meaning of words, which reinforces the idea that language does not have an essential core, but varies according to its social use. In this sense, terms such as “collaborator” illustrate how language can be ideologically mobilized to obscure Power relations. The text also incorporates Puntel’s reflection on language as a theoretical structure and means of accessing reality. It concludes that the dialogue between Wittgenstein and Marx, although complex, proves productive for understanding the political dimension of language and its function in reproducing or contesting social structures, especially in the context of work under contemporary capitalism.

Keywords: Fetishism. Alienation. Language. Marx. Wittgenstein.

1. Apresentação

A presente pesquisa busca expor brevemente o conceito de jogos de linguagem de Wittgenstein (1889-1951) que se encontra na célebre obra *Investigações Filosóficas*, bem como demonstrar uma possível relação com o conceito de alienação do trabalho de Karl Marx (1818-1883) compreendendo a linguagem como um processo de construção social. Para a produção de uma teoria filosófica adequada se faz necessário a compreensão da linguagem em seus mais diferentes aspectos, assim, o estudo sobre o conceito de alienação do trabalho perpassa por diferentes dimensões, sendo a linguagem uma instância fundamental.

A alienação do trabalho conceituada por Marx traz consigo implicações na subjetividade humana, como também em fatores concretos na condução de vida de uma sociedade. Alienar o ser humano de sua atividade vital, o trabalho, faz com que o mundo a sua volta tome novas características, e a linguagem é uma dimensão humana que se adentra no processo da alienação. Nos *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, Marx faz duras críticas a sociedade capitalista, mas ainda de um ponto de vista essencialista humana, tomando um caráter mais sistemático e estrutural em sua obra máxima, *o Capital*. Ao conceituar o fetichismo de mercadoria, Marx identifica que ocorre um processo de coisificação nas relações humanas, que afeta o *modus operandi* de toda a sociedade, que agora se espalha de maneira irrefreável.

Marx entende que a linguagem predispõe a consciência, ou seja, as duas nascem juntas pela necessidade de intercâmbio pelos indivíduos e possui caráter sócio-histórico. Nesse contexto, Wittgenstein em sua segunda fase nos apresenta seu conceito de linguagem. Os jogos de linguagem são conceituados pelo entendimento que a língua é viva, e que o significado das palavras está diretamente ligado ao contexto de sua utilização, onde palavras iguais em diferentes contextos possui significados variáveis. É preciso, então, uma análise do contexto da utilização dessas palavras, assim como entender o contingenciamento de escolhas dessa palavra para o seu significado. Esse processo de escolha funciona como um jogo de xadrez, que ao identificar as contingências de sua jogada, o jogador pode escolher diferentes movimentos. O aprendizado do significado de palavras funciona a partir da observação de seu uso em diferentes contextos, e em cada um se cria um segmento que corresponde a um jogo de linguagem.

2. Puntel e a função da linguagem

De acordo com Puntel, o ser humano possui três atitudes originárias: a prática, a estética e a teórica. Nesse contexto, a filosofia configura-se como um tipo específico de teoria que faz parte dessas atitudes originárias humanas. Para Wittgenstein, a teoria tem a responsabilidade de evidenciar a forma como a realidade nos é dada, bem como explicar e demonstrar aspectos do mundo. Tendo isso em vista, a teoria articula-se no coração da linguagem com um objetivo claro: evidenciar a realidade. No pensamento contemporâneo, a linguagem não é apenas relevante, mas ocupa posição central no debate filosófico. A filosofia, enquanto teoria, necessita, para ser compreendida, evidenciar em qual “quadro teórico” se insere, sendo este definido da seguinte forma:

Um quadro teórico implica sempre uma diferença específica entre dois lados ou aspectos: a diferença entre o quadro referencial em cujo centro está o conceito de “estrutura” (a dimensão estrutural), e aquilo que o quadro contém ou representa. A relação entre essas duas dimensões, que constitui a ideia básica da filosofia sistemático-estrutural, não é entendida aqui como no caso de um sistema formal não interpretado: um quadro teórico científico ou filosófico “é, antes, um instrumento que permite apreender, compreender e explicar algo (um nexó, um domínio objetual...)” (OLIVEIRA, 2014, p. 208)

Os quadros teóricos possuem linguagens distintas, cada uma com suas especificidades sintáticas e semânticas, além de lógicas e teorias do ser próprias, que variam de acordo com cada quadro. Essa fragmentação teórica evidencia uma contraposição à tradição filosófica de dois mil anos atrás, período em que o saber abrangente e universal, concebido como uma teoria da totalidade do ser era o modelo comum, distanciando-se da realidade contemporânea.

Considerando a importância de se determinar o quadro teórico de uma teoria, Puntel estabelece que a linguagem possui dois grandes aspectos. O primeiro diz respeito ao fato de que, de forma geral, a linguagem no sentido maximal, constitui um sistema semiótico, sendo, portanto, considerada indeterminada ou subdeterminada. Esta, por sua vez, caracteriza-se pela instância da expressabilidade universal, não sendo um produto da expressão humana, mas sim uma realidade já presente no mundo como um todo (PUNTEL, 2008, p. 501). O segundo aspecto, ao qual me deterei, refere-se ao sentido usual da linguagem que A. Keller nos demonstra ao dizer que a linguagem é formada por um sistema de signos determinado (KELLER, 1979, p. 42). Trata-se, portanto, de um sistema sintaticamente estruturado, no qual a semântica possui grande importância, como ocorre na linguagem coloquial. Puntel, também, defende que a linguagem coloquial, em primeiro lugar, é orientada para a comunicação, onde a pragmática tem primazia mesmo sendo

verdadeiro que a semântica tem importância. Numa teoria inverte-se o processo. A linguagem enquanto produção humana se caracteriza pela composição de símbolos linguísticos, de seus signos. Na medida em que seres humanos interferem na realidade, também produzem sua própria linguagem, transformando-a em um objeto histórico-contingente.

A linguagem é afetada por diferentes fatores, uma vez que é utilizada cotidianamente no processo de comunicação entre indivíduos de uma mesma sociedade em determinado período histórico. Por isso, encontra-se em constante movimento, aperfeiçoando-se e modificando-se conforme o contexto do mundo em que o indivíduo está inserido. O mundo que conhecemos é aquele ao qual temos acesso por meio da linguagem; assim, é nela que a realidade se apresenta. Portanto, o mundo tal como o concebemos, é fortemente influenciado por determinações sócio-históricas que moldam a cultura e a realidade, sendo a linguagem um fator primordial nesse processo.

Puntel ressalta que nesse contexto não há um processo de reflexão sobre os fatores determinantes da linguagem. Não se indaga como a linguagem se constitui, por quem ela se dá ou quais fatores a fazem ser o que é. A linguagem ocupa posição central na construção de uma teoria filosófica, não sendo meramente um instrumento de comunicação, mas, sobretudo, a mediação de acesso à realidade (OLIVEIRA, 2014, p. 217). A linguagem não se limita a um conceito a ser estudado, mas é, em última instância, a forma mediadora da realidade, o véu que desvela o desconhecido, condição necessária para a validade do conhecimento.

3. Jogos de linguagem de Wittgenstein

Wittgenstein, filósofo austríaco naturalizado britânico, é conhecido por possuir duas fases distintas em seu pensamento, cada uma marcada por uma grande obra: o *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921) e as *Investigações Filosóficas* (1953), respectivamente. Em sua primeira fase, o autor do *Tractatus* defende que a relação entre lógica, linguagem e pensamento pode ser utilizada na constituição de representações do mundo, não apenas de um ponto de vista epistemológico. Já em sua segunda fase, à qual me deterei aqui, Wittgenstein apresenta certo antagonismo em relação à sua obra inicial; não a descarta, mas admite que sua visão no *Tractatus* não englobava a linguagem em sua totalidade. (cf. FERRARO, 2021). Assim, ele propõe um afastamento de um olhar puramente lógico sobre a linguagem ao introduzir o conceito de “jogos de linguagem” que tem caráter central em

sua obra (cf. WITTGENSTEIN, 2000, §7). A linguagem configura-se como um jogo porque obedece a regras em uma atividade guiada; essas regras são as gramaticais, e a linguagem funciona, portanto, por analogia a um jogo de xadrez. Dessa forma, as regras são responsáveis por orientar o significado de uma palavra, e não o objeto em si. No xadrez, por exemplo, aprendemos o funcionamento de suas peças a partir de um processo de associação a objetos e de suas possibilidades de movimento: a peça bispo move-se apenas na diagonal. Esse processo é semelhante ao aprendizado da linguagem, no qual assimilamos os significados das palavras a partir da observação de seu uso.

Além disso, para compreender um movimento no xadrez, é necessário considerar as contingências do jogador que o levaram a realizar determinada jogada. Analogamente, na linguagem, é preciso analisar o uso de uma palavra em diferentes contextos, considerando suas especificidades (cf. WITTGENSTEIN, 2000, §43, p. 432). Cada escolha, em determinado contexto, forma um tipo de segmento, correspondente a um “jogo de linguagem”. Tendo isso em vista, uma sentença possui significado apenas a partir do jogo de linguagem ao qual pertence, pois, fora dele, não teria sentido. (cf. WITTGENSTEIN, 2000, §23, p. 421).

Wittgenstein entende que o significado de uma palavra é dependente de seu contexto, de seu jogo de linguagem, e não algo imutável, fixo e determinado, como se houvesse uma “essência” contida na palavra. Na realidade, a compreensão do significado ocorre no seio da linguagem, em seus aspectos culturais e históricos, possuindo, portanto, um contexto específico. Assim, as palavras estão sujeitas a variações, dependendo de seu contexto de uso e de seu propósito. Uma mesma palavra pode ter significados diferentes em contextos distintos, e é desse modo que se originam os jogos de linguagem: a determinação do significado depende da interpretação do objeto e de seu uso em diferentes jogos, indicando que a linguagem não possui um caráter determinado de forma definitiva (cf. WITTGENSTEIN, 2000, §43, p. 432).

Dessa maneira, a linguagem aparece como um conjunto de regras, não havendo regras superiores às outras, mas sim uma flexibilização de acordo com o contexto. Um signo pode ter diferentes significados a depender de sua localização cultural. Por exemplo, um signo que representa “raio” pode ter significados diversos quando encontrado em um display de celular ou em uma placa de trânsito em regiões montanhosas. Wittgenstein distingue dois tipos de jogos de linguagem: a gramática superficial, relacionada às regras oficiais da gramática, e a gramática profunda, vinculada à multiplicidade de usos de palavras e frases em diferentes contextos. Ele articula a ideia de que nos comunicamos por meio de

conceitos vagos, sendo a utilização das palavras em diferentes contextos a responsável por seus significados. Portanto, não se faz necessário perguntar pelo significado intrínseco das palavras, mas, na realidade, devemos indagar sobre o uso que se faz delas em seu contexto social. A percepção da linguagem como produto histórico-social possui efeitos sobre as relações sociais. Compreender como ao longo da história os significados das palavras foram se moldando a partir da interação entre sujeito-objeto, e os elementos que compõem os mais diversos jogos de linguagem, é um passo fundamental para entender como a linguagem nos apresenta o mundo (cf. FERRARO, 2021).

4. Alienação e fetichização em Marx

Marx reconhece que o ser humano se identifica no mundo e a enxerga de acordo com as relações sociais estabelecidas na sociedade perante outros seres humanos. Essas relações apenas acontecem com a presença da linguagem, que se efetivam no convívio. Na obra *Ideologia alemã*, Marx e Engels fazem uma investigação sobre o processo de formação histórica da sociedade e humana, e afirmam que a linguagem é tão antiga quanto a consciência ao dizer que “a linguagem nasce, tal como a consciência do carecimento da necessidade de intercâmbio com outros homens” (MARX; ENGELS, 2007, p. 34-35).

No que diz respeito a mercadoria, Marx detecta um caráter misterioso nestas, uma relação fantasmagórica, que está atribuída a ocultação das relações sociais entre os trabalhos individuais para a produção de determinado objeto, assim o objeto do trabalho surge como imposições transcendentais dos produtos originados do trabalho humano. Na sociedade mercantil, as relações humanas são tomadas por relações entre coisas, não somente isso, mas também que as relações sociais de produção se tornam coisas, e apenas como coisas podem se expressar, um processo de coisificação. O fetichismo de mercadoria, descrito por Marx (2003, p. 94), em suas palavras: “chamo isso de fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias. É inseparável da produção de mercadorias”. Dessa forma, o fetichismo da mercadoria é a forma social necessária e inevitável de relações sociais dentro de uma produção capitalista, passando a ter uma base objetiva ao se materializarem nessas condições. Nesse sistema, o trabalhador é posicionado como mera mercadoria, uma engrenagem do todo, ocupando a função de uma ferramenta na produção, sua força de trabalho torna-se propriedade do patrão em troca de um salário.

Assim, aquilo que o homem produz é o trabalho convertido em um produto, ou

seja, a objetificação do trabalho. A objetificação é redução do trabalho ao material, separando a essência humana do trabalhador, ocorrendo também uma perda do objeto produzido, em que lhe são retiradas coisas essenciais da vida e do trabalho. A alienação é neste caso uma apropriação do objeto produzido, na medida que o trabalhador produz, também é dominado por aquilo que produziu, o capital.

Baseado nesta premissa, quanto mais o trabalhador se desgasta no trabalho, mais poderoso se torna o mundo de objetos por ele criado, tanto mais pobre se torna a sua vida e menos ele se pertence a si próprio, sendo a alienação do trabalho expressa da seguinte forma por Marx:

A alienação do trabalhador em seu objeto é expressa da maneira seguinte, nas leis da Economia Política: quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem para consumir; quanto mais valor ele cria, tanto menos valioso se torna; quanto mais aperfeiçoado o seu produto, tanto mais grosseiro e informe o trabalhador; quanto mais civilizado o produto, tão mais bárbaro o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, tão mais frágil o trabalhador; quanto mais inteligência revela o trabalho, tanto mais o trabalhador decai em inteligência e se torna um escravo da natureza (MARX, 2004, p. 81).

O objeto produzido se torna dono daquele que o produziu, pois o objeto é responsável por lhe dar trabalho e meios de subsistência física, um meio de viver como trabalhador e como sujeito. Constituindo um paradoxo existencial, o trabalho dá o meio de subsistência física, e a subsistência física condiciona a necessidade do sujeito perante o trabalho. A alienação não se resume apenas a relação com os produtos do trabalho, mas também como alienação ativa durante a produção do objeto. “Se o produto do trabalho é alienação, a própria produção deve ser alienação ativa – a alienação da atividade e a atividade da alienação” (MARX, 2004, p. 82). Portanto, a forma de alienação que acontece durante o processo de produção é ferramenta na crítica feita por Marx ao capital,

A alienação ocorre quando o trabalho é exterior ao trabalhador, não está em sua natureza aquilo que faz, que produz, e isso faz com que ocorra uma negação de si mesmo quando não se realiza naquilo que faz. Isso pode ser evidenciado de algumas maneiras, tal como o sofrimento ao trabalhar por não desenvolver de forma espontânea suas forças mentais e físicas. Quando isso ocorre, o trabalhador apenas está bem em seu horário livre, fora do ambiente de trabalho, e no trabalho, está contra a sua vontade, e é rejeitado de forma contundente. Esse tipo de trabalho é a personificação da morte humana, sua alienação é sua queda. O trabalhador só está livre em aspectos animais de sua essência, tais quais como beber, comer e se reproduzir, fazendo com que aquilo que havia de humano em si se reduza a um animal: “O animal se torna humano, e o humano se torna animal.” (MARX, 2004, p. 83)

Ao enxergar o trabalhador também como uma mercadoria que perpassa pelo processo fantasmagórico da fetichização, a linguagem ganha determinada importância ao relacionar o ser humano com mercadorias, e suas formas de relações sociais são então afetadas. “A todo instante, no cálculo e contabilidade, transformamos as mercadorias em signos de valor, as fixamos como simples valores de troca abstraindo de sua matéria e de todas as suas propriedades naturais” (MARX, 2011, p.92). Dessa forma, as próprias relações sociais estariam condicionadas também ao mundo das mercadorias.

De acordo com Mikhail Bakhtine (1999, p. 113), “todas as linguagens são pontos de vistas específicos do mundo, formas de sua interpretação verbal, perspectivas referenciais, semânticas e axiológicas, jamais um meio neutro”. Portanto, a origem dos signos linguísticos acontece de acordo com as práticas sociocomunicativas em diferentes contextos, e estão carregadas de determinações ideológicas que se manifestam através dos signos. “A cada época histórica da vida ideológica e verbal, cada geração, em cada uma de suas camadas sociais, possui sua linguagem; além disso, cada idade tem seu ‘falar’, seu vocabulário, seu sistema de acentuação particular, que, por sua vez, variam com a classe social, com o estabelecimento escolar e segundo outros fatores de estratificação” (BAKHTIN, 1999, p. 112). Dessa forma, para se falar da estrutura de uma sociedade, é necessário saber que a linguagem possui categoria fundamental, em que ela é afetada pelo momento histórico, por condições sociais e por conflitos ideológicos, como a luta de classes, gênero e grupos étnicos. A função da linguagem enquanto comunicação possui, também, uma função reguladora de contradições sociais, seja para ocultá-la, seja para integrá-la.

5. Trabalhador X Colaborador

Com relação ao trabalhador ou empregado na contemporaneidade, um termo relativamente recente ganha destaque, o colaborador. Nos anos 90, com uma certa flexibilização nas relações de trabalho, esse termo ganhou certa popularidade impulsionado por multinacionais. Com o intuito de suavizar a hierarquia e subordinação presentes nos termos “empregado” e “trabalhador”, mitigando a percepção de exploração do trabalhador. Esse termo, criado pela burguesia, possui evidente caráter alienante, na tentativa de excluir a percepção da existência de classes, assim como posições subalterna, e assim que seja esquecido semanticamente os interesses de classes, que por vezes vão de encontro com o do empregador; e assim não perceba sua condição como trabalhador que está sujeito a

ordens, e não note a sua verdadeira identidade como um proletário e se distancie de seus iguais.

Os direitos individuais e coletivos da classe trabalhadora possui ligação direta com a linguagem usual, em um mundo onde a linguagem é um processo de construção histórica e social, é natural que essa mesma linguagem se torne fonte de poder de poucos, e que a própria linguagem, assim como seres humanos, também se torne apenas um meio para mercadoria. Em condições de dominador e dominado, o burguês e o proletário podem tomar novas formas devido a linguagem, ao surgirem novos termos de designo entre os indivíduos, é importante se atentar ao caráter histórico da linguagem, assim como entender o processo de construção da designação das palavras. Em *A origem da família, propriedade e estado*, Friedrich Engels diz que a primeira forma de opressão que surgiu foi do homem sobre a mulher, e em uma sociedade patriarcal, a língua assume aparência e conteúdo patriarcal (cf. Engels, 1981). Logo, a língua toma forma da representação do mundo dos homens.

6. Conclusão

Diante do exposto, é possível entender que a linguagem atua como mediadora da realidade social e histórica, assim o conceito de alienação de trabalho desenvolvido por Karl Marx possui uma aproximação aos jogos de linguagem wittgensteiniano ao evidenciar que o significado de conceitos surge de relações sociais, possuindo um espectro prático e cultural. Marx identifica que as relações sociais são ocultadas pela forma mercadoria, tornando as interações humanas em espelhos fetichizados entre coisas. Dessa forma, a linguagem assume caráter fetichizado, uma vez que os signos podem ser utilizados para enfeitar relações de poder e de exploração, assim como na mudança terminológica observada em “trabalhador” para “colaborador”, encobrindo contradições de classe, com o intuito de abrandar um sistema de hierarquias existentes no capitalismo. A linguagem vista como um processo histórico e ideológico nos ajuda a entender as relações de poder impostas nas sociedades, e a investigação conjunta entre Marx e Wittgenstein demonstra que o trabalho e a linguagem são expostos por processos de alienação e objetificação, sendo necessário entender quais os jogos de linguagem que o trabalho no mundo contemporâneo está sujeito, sendo este um fator imprescindível para um processo de emancipação que também acontece na linguagem.

Uma aproximação entre os dois filósofos é possível ao identificar que os jogos de linguagem possuem um caráter histórico, e que a linguagem usual descrita por Puntel está em constantes mudanças no processo de significação das palavras, e que assim como Marx e Engels descrevem que a primeira forma de dominância humana foi do homem sobre a mulher, o que influenciou diretamente na construção dos significados das palavras, em um mundo onde o trabalhador está alienado perante seu trabalho, também a linguagem pode exercer papel importante para esse processo.

O presente trabalho almejou meramente contribuir para os esforços teóricos de compreensão do conceito de fetichização de mercadoria e jogos de linguagem de Wittgenstein, assim como visualizar a possibilidade de aproximação entre Karl Marx e Wittgenstein, que a primeiro momento demonstra ser um trabalho complexo, no entanto, associação entre os dois autores ao entender a linguagem como um processo de construção humana demonstrou ser algo notável ao decorrer do texto.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. **Esthétique et théorie du roman**. Paris: Gallimard, 1999.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2021.

FERRARO, J. L. *Wittgenstein e os jogos de linguagem*. In: **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 30, 10 de agosto de 2021.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política. Volume I**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política. Volume 2**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

OLIVEIRA, M. A. de. **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2014.

PUNTEL, L. B. **Estrutura e ser: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2008.

RUY, M. C. *O conceito de jogos de linguagem nas Investigações Filosóficas de Wittgenstein*. In: **SEPECH – Anais da Semana de Pesquisa em Educação e Ciências Humanas**, v. 8, 2008.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1994.

Data da submissão: 10 set. 2025.

Data do aceite: 30 nov. 2025.



Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).